POR QUE NOS ACOSTUMAMOS AOS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS?



fundação juntos podemos
construindo pontes, transformando a política

Novembro 2026 | São Paulo - SP

Na última semana, uma tempestade severa atingiu Tupanciretã, no Rio Grande do Sul. O fenômeno, associado à formação de uma supercélula e a possíveis microexplosões, provocou destruição em grande parte da cidade. O episódio, que chegou a ser confundido com um tornado, chamou a atenção pela intensidade dos ventos e pela dimensão dos estragos.

Eventos como esse recolocam uma questão no centro do debate: estamos preparados para lidar com fenômenos climáticos cada vez mais extremos? E, à medida que eles se tornam mais frequentes, será que também estamos nos acostumando a eles?

Uma pesquisa de Lucas Toshiaki Archangelo Okado e Ednaldo Aparecido Ribeiro apresenta uma resposta interessante. Os autores mostram que a percepção das mudanças climáticas não depende apenas da quantidade de eventos extremos que experimentamos, mas também de quanto esses acontecimentos representam uma ruptura em relação ao clima a que estamos habituados.

1. A diferença entre viver um evento extremo e percebê-lo como excepcional

Imagine uma cidade que enfrenta temperaturas muito elevadas durante vários anos consecutivos. No início, uma onda de calor pode provocar surpresa e preocupação. Mas, depois de vários verões igualmente quentes, aquela situação pode começar a parecer normal.

Agora imagine uma região acostumada a períodos regulares de chuva que, de repente, enfrenta uma seca muito mais intensa do que nos anos anteriores. Nesse caso, a ruptura com o padrão habitual pode tornar o fenômeno muito mais perceptível.

Essa é a distinção central da pesquisa: existe uma diferença entre a exposição acumulada a eventos extremos e o impacto provocado por uma mudança inesperada em relação às experiências climáticas recentes.

Os pesquisadores investigam justamente qual dessas duas dimensões está mais associada à percepção dos brasileiros sobre os eventos climáticos extremos.

2. O que a pesquisa encontrou?

Os resultados mostram que mudanças abruptas em relação aos padrões climáticos recentes estão associadas a uma maior percepção de determinados eventos extremos, especialmente secas, chuvas intensas e queimadas.

No caso das queimadas e das chuvas, essa associação permanece mesmo quando os pesquisadores consideram também a exposição acumulada aos eventos extremos. Já no caso das secas, a associação perde força quando se leva em conta a quantidade acumulada de dias secos.

E quanto às temperaturas? Surpreendentemente, os pesquisadores não encontraram uma associação significativa entre os choques de calor ou de frio e a percepção de eventos extremos.

Uma possível explicação é que, diante da repetição de temperaturas muito elevadas nos últimos anos, as pessoas tenham desenvolvido algum grau de habituação. Em outras palavras, o calor extremo pode estar se tornando parte daquilo que consideramos normal.

3. Quando o extremo vira normal

Esse é talvez o achado mais interessante do estudo.

Nossa percepção do clima é construída a partir da experiência cotidiana. Não avaliamos necessariamente o que é extremo consultando séries históricas ou dados meteorológicos. Muitas vezes, comparamos o que está acontecendo agora com aquilo que lembramos ter acontecido recentemente.

Essa comparação pode produzir um efeito preocupante: quanto mais frequentemente experimentamos uma situação extrema, mais ela pode deixar de parecer excepcional.

Os autores relacionam esse fenômeno à ideia de boiling frog, ou sapo na água fervente. A metáfora descreve uma situação em que a temperatura da água aumenta gradualmente, fazendo com que o sapo não perceba a mudança de maneira abrupta.

De forma semelhante, a repetição de eventos climáticos extremos pode fazer com que as pessoas se acostumem progressivamente a condições que antes seriam consideradas anormais.

Isso não significa que esses fenômenos deixem de provocar danos ou afetar a vida das pessoas. Significa que sua capacidade de chamar atenção e produzir uma percepção de risco pode diminuir.

4. A percepção também depende de quem observa

A pesquisa também identifica diferenças relacionadas às características e às atitudes dos indivíduos. Pessoas que demonstram maior interesse pelo meio ambiente e aquelas que se identificam ideologicamente com a esquerda apresentam maior probabilidade de relatar experiências com eventos climáticos extremos.

O resultado sugere que a percepção não depende exclusivamente das condições climáticas vivenciadas. Nossos interesses, valores e disposições também influenciam a maneira como interpretamos aquilo que acontece ao nosso redor.

Em outras palavras, a experiência objetiva com o clima e a forma como cada pessoa percebe essa experiência não são exatamente a mesma coisa.

5. O risco de nos acostumarmos com a crise climática

A principal contribuição da pesquisa é mostrar que a percepção das mudanças climáticas depende também da nossa capacidade de reconhecer rupturas em relação ao que consideramos normal.

E isso traz uma questão importante para o debate público. À medida que secas, queimadas, chuvas intensas e ondas de calor se tornam mais frequentes, existe

o risco de que esses fenômenos deixem de provocar a mesma reação que provocariam no passado.

O problema é que a habituação pode reduzir a percepção de risco justamente quando a necessidade de enfrentar as mudanças climáticas se torna mais urgente.

Por isso, não basta acompanhar a frequência e a intensidade dos eventos extremos. Também precisamos compreender como as pessoas percebem esses acontecimentos e como essa percepção se transforma ao longo do tempo.

O paradoxo é que podemos estar nos acostumando justamente àquilo que deveria nos preocupar cada vez mais.

Fontes

Lucas Toshiaki Archangelo Okado e Ednaldo Aparecido Ribeiro. Choque ou nível? Percepção de eventos climáticos extremos no Brasil Vol. 3, 2026 ISSN 3086-8246. Disponível em https://redem.tec.br/choque-ou-nivel-percepcao-de-eventos-climaticos-extremos-no-brasil/

https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2026/11/22/nao-foi-tornado-meteorologistas-explicam-supercelula-e-microexplosao-que-devastaram-cidade-no-rs.ghtml



Felipe Calabrez

É Doutor em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EAESP-FGV), com Pós-Doutorado pelo Instituo de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po). É pesquisador pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Representação e Legitimidade Democrática (ReDem) e autor do livro Introdução à Economia Política: O percurso histórico de uma ciência social.


fundação
juntos
podemos
construindo pontes,
transformando a política